



OPINIÃO

SOFIA
SALGADO
PINTODean da Faculdade de
Economia e Gestão da
Universidade Católica
Portuguesa no Porto.

É preciso uma reflexão séria sobre a racionalização do superior

Em início de mandato legislativo era oportuna uma reflexão séria sobre as áreas de racionalização e de investimento de recursos ao nível do ensino superior português. Não o fazer é comprometer a sustentabilidade e a afirmação de um produto que é de referência internacional – a qualidade dos diplomados pelas nossas universidades e permitir sinais equívocos às gerações futuras. Num cenário de orçamentos restritos, onde nos movemos e continuaremos a trabalhar, importa saber fazer escolhas para a continuidade do desenvolvimento dos profissionais de que Portugal e o mundo precisam. Nesta construção, o próximo governo deverá trabalhar em duas linhas de ação relativamente à formação superior: (i) continuar a promover o ensino de qualidade; (ii) e continuar a promover o acesso do ensino a todos os interessados em aprender e em preparar-se para um percurso profissional. A qualidade da oferta, passará pela continuada análise e controlo da formação que é oferecida, à qual se deve acrescentar uma indicação dos programas que não se devem perpetuar na medida em que o mercado está esgotado em termos de empregabilidade. Uma análise estratégica de abertura de vagas seria facilitada se o mercado funcionasse, pelo encontro da oferta e da procura, sendo que para tal teria de ser atribuído o cheque-educação. O financiamento do ensino superior pela via da procura permitiria que a escolha dos cursos e universidades não se fizesse pela via do preço, mas sim pela via da qualidade e da diferenciação (à qual se associam também as questões da empregabilidade). Alterar a forma de financiamento ao ensino superior permitiria que o mercado escolhesse as entidades que melhor fazem a utilização de recursos ao criarem mais valor. ■

*O autor escreve ao abrigo
do novo ortográfico*